

Prof. Dr. Pedro de Almeida Vasconcelos

Professor Titular e Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia
pavascon@uol.com.br

1- *Texto ampliado da Conferência realizada no IV Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e II Encontro Nacional de Geografia Histórica, realizado em Belo Horizonte, em 12/2016. Foram incluídos os comentários sobre os textos de Harvey (2003) e Soja (2000).*

Artigo recebido em:
16/05/2017

Artigo publicado em:
31/07/2017

A GEOGRAFIA HISTÓRICA NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E SUAS RELAÇÕES COM AS CIÊNCIAS HUMANAS¹

Historical Geography in the Context of the History of Geographical Thought and its Relations with the Human Sciences

La Geografía Histórica en el contexto de la Historia del Pensamiento Geográfico y sus relaciones con las Ciencias Humanas

RESUMO

O texto é iniciado com os pais fundadores da disciplina acadêmica, com a proposta da inclusão de I. Kant; segue pela apresentação de “Geógrafos clássicos”; pelas relações com os historiadores; pela Geografia Neopositivista e pela Geografia Crítica. As questões da Pós-Modernidade e o fim da História e do espaço são discutidas, seguida pela Globalização e a “revanche” da Geografia. O texto é concluído com as relações da Geografia Histórica com a História do Pensamento Geográfico e com as demais Ciências Humanas.

Palavras-chave: Geografia Histórica; História do Pensamento Geográfico;

RESUMEN

El texto se inicia con los padres fundadores de la disciplina académica, con la propuesta de la inclusión de I. Kant; Sigue la presentación de "Geógrafos clásicos"; Por las relaciones con los historiadores; Por la Geografía Neopositivista y por la Geografía Crítica. Las cuestiones de la post-modernidad y el fin de la historia y del espacio son discutidas, seguida por la globalización y la "revancha" de la geografía. El texto se concluye con las relaciones de la Geografía Histórica con la Historia del Pensamiento Geográfico y con las demás Ciencias Humanas.

Palabras clave: Geografía Histórica; Historia del Pensamiento Geográfico;

ABSTRACT

The text begins with a review of the founding fathers of the academic discipline, with the proposal for the inclusion of I. Kant. It follows with the presentation of “Classical Geographers”; by relations with historians; by Neopositivist Geography and Critical Geography. The questions of postmodernity and the end of History and space are discussed as well as the Globalization and the “revenge” of Geography. The text concludes with the relations of Historical Geography with the History of Geographical Thought and with the other Human Sciences.

Keywords: Historical Geography; History of Geographical Thought.

INTRODUÇÃO

É um desafio tratar ao mesmo tempo de duas temáticas próximas, porém diferentes: História do pensamento geográfico e Geografia Histórica.

Uma tentativa de examinar a produção dos geógrafos nessas temáticas, com destaque para os “pais fundadores” da disciplina, é a de verificar a ênfase dada por cada um para a Geografia Histórica.

Devemos lembrar que em outras disciplinas, como a Sociologia, há um ensino específico dos principais sociólogos, ou seja, Marx, Weber e Durkheim, sendo que o primeiro é também reivindicado pelos filósofos, historiadores, economistas etc. Neste sentido fica a questão, por que não valorizamos nossos “pais fundadores”?

Outra questão importante: poderíamos incluir o filósofo Kant como um dos “pais fundadores” da Geografia? Seguem algumas justificativas para inclusão de Kant: de fato, o filósofo dedicou 41 anos de sua vida ao ensino da Geografia Física (1755-1796). Foram 49 ciclos de cursos consagrados à essa disciplina, só sendo superados pelos 54 ciclos dedicados à Metafísica, conforme informa M. Cohen-Halimi, apresentadora do livro *Géographie physique* (p. 10). Ela destacou ainda que Kant foi o primeiro filósofo a introduzir a Geografia na Universidade, antes da primeira cadeira da Geografia criada para K. Ritter na Universidade de Berlim, em 1820. O manual foi redigido pelo filósofo e foi recomposto a partir de notas dos estudantes (p. 11). O editor, F. T. Rink, também informou que, em 1802, foram encontrados três cadernos de Geografia Física redigidos por Kant em épocas diferentes (p. 63).

Os autores serão apresentados por ordem cronológica, cada um iniciado por uma citação do livro em exame, seguido pelo sumário da obra (com tom de cinza) e concluído com breves comentários do autor do texto. Deve ser destacada a raridade dos textos mais antigos e a necessidade da sua difusão entre os geógrafos brasileiros.

2. OS “PAIS FUNDADORES” DA DISCIPLINA ACADÊMICA

2.1 – Immanuel Kant (1724-1804)

Physische Geographie / Géographie – 1802 [Editada por F. Th. Rink]

A palavra geografia designa [...] uma descrição da natureza da terra inteira. A geografia e a história preenchem a totalidade do campo dos nossos conhecimentos: a geografia o do espaço, e a história o do tempo (p. 72).

Descrição Física da Terra (p. 65/92);
Introdução

Conceitos matemáticos preliminares

Tratado de Geografia Física (p. 93/342)

1ª Parte. 1ª Sessão: Da água; 2ª Sessão: Da terra; 3ª Sessão: A atmosfera; 4ª Sessão: História das grandes transformações que a terra sofreu outrora e que ele ainda sofre;

2ª Parte. Exame particular do que contem a Terra. 1ª Sessão: Do homem (p. 218/227); 2ª Sessão: O reino animal (p. 228/262); 3ª Sessão: O reino vegetal (p. 263/272); 4ª Sessão: O reino mineral (p. 273/283);

3ª Parte: Observação sumária sobre as principais curiosidades naturais de todos os países, segundo uma ordem geográfica: o primeiro continente: a Ásia (p. 285/314); o segundo continente: a África (p. 314/327); o terceiro continente: a Europa (p. 327/334); o quarto continente: a América (p. 334/342);

Suplemento à Geografia Física segundo o nachlass² kantiano (p. 343/358).

Sendo um manual sobre a Geografia Física, não era de se esperar uma discussão detalhada sobre o homem ou sobre a sociedade. O “homem” é tratado em apenas 10 páginas na segunda parte, junto com os reinos animal, vegetal e mineral. A última parte, com 58 páginas contem um conjunto de “curiosidades” sobre os continentes a partir de fontes secundárias, de menor interesse.

Porém há uma importante contribuição conceitual a partir das relações que Kant estabeleceu entre o tempo e o espaço e entre a Geografia e a História. Seguem algumas citações do autor destacadas na Introdução do livro:

[...] é necessário também aprender a conhecer a totalidade dos objetos de nossa experiência a fim que nossos conhecimentos não formem um agregado, mas um sistema, pois em um sistema o todo precede as partes. Aqui o todo é o mundo, a cena sobre a qual nós iremos engajar todas as experiências” (p. 67);

[...] toda experiência estrangeira nos é

2 - A palavra alemã nachlass significa uma coleção de material reunido após a morte do autor.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2017
ISSN 2175 -3709

comunicada seja sob a forma de uma narração seja sob a forma de uma descrição. A primeira é uma história, a segunda é uma geografia”;

“[...] nós podemos fixar um lugar a todos nossos conhecimentos empíricos seja sob os conceitos, seja segundo o tempo e o espaço onde os reencontramos realmente. A divisão do conhecimento segundo os conceitos é a divisão lógica, a que é feita segundo o tempo e o espaço é a divisão física. Pela primeira nós obtemos um sistema da natureza (p. 68) [...] pelo segundo nós obtemos [...] uma descrição geográfica da natureza”;

“[...] a história como a geografia podem ser chamadas todas as duas uma descrição [...] a primeira é uma descrição segundo o tempo e a segunda uma descrição segundo o espaço”;

“[...] A história trata dos eventos que aconteceram uns após os outros do ponto de vista do tempo. A geografia (p. 69) é relacionada aos fenômenos que se produzem no mesmo tempo do ponto de vista do espaço” (p. 70).

Além da Geografia Física Kant ainda comentou no final da Introdução a existência de cinco outras geografias: a geografia matemática; a geografia moral; a geografia política (p. 73); a geografia do mercado e a geografia teológica (p. 74).

Acredito que essa abordagem filosófica sobre a Geografia (com destaque para os conceitos de tempo, espaço e sistema) e a sua dedicação ao ensino da disciplina durante décadas, podem nos autorizar a incluir Kant como um dos “pais fundadores” da Geografia acadêmica³.

2.2 – Alexander Von Humboldt (1769-1859)

A) *Examen critique de l’Histoire de la Géographie du Nouveau continent et des progrès de l’Astronomie nautique aux XV^e et XVI^e siècles* (5 tomos) 1835

[...] *Les recherches historiques que je publie en ce moment, sont l’extrait d’un travail auquel, pendant trente ans, je me suis livré* [...] (Tomo 1, p. x).

Tomo 1. **Considerações preliminares.** Seção 1^a. **Das causas que prepararam e levaram a descoberta do Novo Mundo** (362 páginas);

Tomo 2. Cont. Das causas que prepararam e levaram a descoberta do Novo Mundo (373 páginas);

Tomo 3. Seção 2^a. **Alguns fatos rela-**

tivos a Cristóvão Colombo e a Américo Vespúcio (407 páginas);

Tomo 4. (Cont.) I – **A primeira viagem de Vespúcio** comparada à viagem de Hojeda; II – **A segunda viagem** de Vespúcio comparada à viagem de Yanez Pinzon (336 páginas);

Tomo 5. (Cont.) III – **Terceira viagem** de Vespúcio; IV – **A quarta viagem** de Vespúcio comparada à viagem de Gonzalo Coelho (263 páginas).

Humboldt foi, sobretudo, um naturalista e viajante. Tinha competências em geologia, mineralogia, matemática e astronomia⁴. Deve ser lembrado que as obras do autor sobre a América Latina ficaram conhecidas como *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent fait en 1799, 1800, 1801, 1802 et 1804*, num total de 34 volumes⁵. O estudo publicado em 1835, cujo título começa com a “História da Geografia”, foi escolhido pelo destaque que o autor, conhecido como “Pai da Geografia Física”, deu para questões da Geografia Histórica, sobre as viagens da “descoberta” do Novo Mundo, tendo o mesmo revelado que dedicou 30 anos ao assunto.

B) *Kosmos / Cosmos. Essai d’une description physique du monde* (4 tomos) 1845/1857

En maintenant l’unité de l’espèce humaine, nous rejetons [...] la distinction désolante de races supérieures et des races inférieures (Tomo 1, p. 430)

Tomo 1. (1845) **O Céu, a Terra, A vida orgânica**

1^a parte: O céu; 2^a parte: A Terra; 3^a parte: A vida orgânica. A espécie humana (580 páginas);

Tomo 2. (1847) **Reflexo do mundo exterior na imaginação do homem**

1^a parte: Reflexo do mundo exterior na imaginação do homem I – Literatura descritiva do sentimento da natureza segundo as raças e os tempos; II – Influência da pintura da paisagem sobre o estudo da natureza; 2^a Parte: Ensaio histórico sobre o desenvolvimento progressivo da ideia de Universo (646 páginas);

Tomo 3. (1857) **Uranologia da descrição física do Mundo**

1^a parte: Introdução à parte uranológica; 2^a parte: Sistema solar. Os planetas e seus satélites. Os cometas. A luz zodiacal e os asteróides (758 páginas);

Tomo 4 (1857) Física do Globo.

1ª parte: Dimensão e forma da Terra; 2ª parte: Reação do interior da terra contra sua superfície. Exposição Geral (804 páginas).

O último trabalho de peso de Humboldt, considerado como sua obra magna, de fato é voltada para a “descrição física do Mundo”. O tomo 4º é sobre a “Física do Globo”, enquanto que o terceiro trata da Astronomia. No tomo 1º a “espécie humana” está tratada junto com a vida orgânica. Mas deve ser destacado que no tomo 2º Humboldt trata do “reflexo do mundo exterior na imaginação do homem”, momento em que aborda a literatura sobre a natureza e até a influência da pintura da paisagem sobre o estudo da natureza, além de um estudo histórico sobre a ideia do Universo. Neste sentido, apesar de ser uma obra sobre o que era chamado na época de Geografia Física, o autor vai além, e também a perspectiva histórica é destacada.

2.3 - **Conrad Malte-Brun** (1775-1826)

Précis de la Géographie Universelle (8 tomos) 1810/1829

L'usage a consacré, en quelque sorte, une triple partition de la science [...]; on comprend dans la Géographie ancienne tout ce qui est antérieur à l'an 500 de J. C. ou à la grande migration des peuples; la Géographie du moyen âge, descend jusqu'à la découverte de l'Amérique; le reste est regardé comme le domaine de la Géographie moderne (Tomo 1, p. 8).

Tomo 1. (1810); Livro 1: **Sobre o estudo da Geografia em geral** ...; Livros 2-22: História da Geografia; (548 páginas);

Tomo 2 ; (1810); Livros 23-41: **Teoria da Geografia**. Da Terra ...; Livro 42: ... Da distribuição dos vegetais; Livro 43: ... Da distribuição geográfica dos animais; Livro 44: ... Do Homem Físico; Livro 45: ... Do Homem considerado como ser moral e político, ou Princípios da Geografia Política (662 páginas);

Tomo 3. (1811); Livros 46-66: **Descrição da Ásia** (617 páginas);

Tomo 4. (1813); Livros 67-73: Cont. da descrição da Ásia; Livros 74-79 Descrição **da Oceania**; Livros 80-89: Descrição **da África** (710 páginas);

Tomo 5. (1821); Livros 90-95: Cont. da descrição da África; Livros 96-113: Descrição **da América** (800 páginas);

Tomo 6. (1826); Livros 114-134: Descrição **da Europa** (774 páginas);

Tomo 7. (1828); Livros 135-155: Cont. da descrição da Europa (792 páginas);

Tomo 8. (1829); Livros 156-174: Cont. da descrição da Europa (948 páginas).

O geógrafo dinamarquês, exilado na França, publicou a primeira Geografia Universal durante 19 anos⁶, o que teve continuidade com a produção de Reclus (1876-1894), pela coleção editada por La Blache e Gallois (1927-1930) e mais recentemente pela editada por Roger Brunet a partir de 1990. Seis volumes foram dedicados a descrição dos continentes, três dos quais tratam da Europa. Pode ser destacado que no tomo primeiro, em 21 dos 22 livros, o autor trata da História da Geografia, quando afirma que “*a geografia não é ela a irmã e igual à história? Se uma reina sobre todos os séculos, a outra não abraça todos os lugares?*” (Tomo 1, p. 1-2). No segundo tomo 23 dos 45 livros são dedicados ao exame da terra, seguido pelo exame da distribuição dos vegetais, dos animais e do “homem físico”. Um livro destaca o homem como ser moral e político o que o autor denomina de “Geografia Política”.

2.4 - **Karl Ritter** (1779-1859)

Erdkunde / La géographie générale comparée (1818; 1852)

Eratóstenes de Cyrene é o pai da geografia astronômica; Heródoto e Estrabão estão na origem da história geográfica e da geografia histórica (1818, p. 55)

Introdução à Geografia Geral Comparada. Ensaios sobre os fundamentos de uma geografia científica (p. 37/189) - 1852

Prefácio (p. 37/38) - 1852

1. Ensaio de geografia geral comparada: Introdução (p. 41/80) - 1818

1ª Parte: As formas sólidas ou continentes (p. 49/50);

2ª Parte: As formas fluidas ou elementos (p. 51/52);

3ª Parte: Os corpos dos três reinos da natureza (p. 53/80)

2. Generalidades sobre as formas só-

6 - Ver comentários sobre as cidades por Malte-Brun em Vasconcelos (2012, p. 32-34)

lidas da crosta terrestre (p. 80/102);

3. Discursos apresentados à Academia Real das Ciências de Berlim colocando os fundamentos da geografia científica (p. 103/189)

3.1 – Da posição geográfica e da extensão dos continentes (p. 103/119) – 1826;

3.2 – Observações sobre os meios que servem para ilustrar as relações espaciais pela forma e o número nos casos das representações gráficas (p. 118/132) – 1828;

3.3 – Do fator histórico na geografia enquanto ciência – (p. 132/151) – 1833;

3.4 – A terra, fator de unidade entre a natureza e a história nos seus produtos dos três reinos da natureza ou: de uma ciência dos produtos da natureza em geografia (p. 151/165) – 1836;

3.5 – Da organização do espaço na superfície do globo e do seu papel no curso da história (p. 166/189) – 1850.

Ritter era naturalista e foi o primeiro professor da cátedra de Geografia na Universidade de Berlim, em 1820. No Prefácio da edição do seu livro de 1852 Ritter informou que foram incorporados na nova edição cinco textos que estavam esgotados. A segunda edição do livro em 1822 incluiu os textos sobre a África. Os volumes seguintes (18 do total de 20) foram dedicados à Ásia⁷. Ritter estava mais voltado para o estudo da natureza.

Nas suas conferências posteriores, entretanto, ele avançou em outras questões. Por exemplo, em 1833 ele afirmou “A ciência das relações terrestres espaciais [a Geografia] necessita [...] de uma dimensão temporal ou quadro cronológico assim como a ciência das relações terrestres temporais [a História] necessita de um teatro ou quadro espacial onde estas relações foram necessariamente tecidas” (p. 132), ou ainda “Porém a ciência geográfica não pode igualmente ser privada do fator histórico se ela pretende ser uma verdadeira disciplina das relações terrestres espaciais [...]” (p. 133). Deve ser destacado o uso da noção de relações, e o tratamento da Geografia como uma ciência. Deve também ser lembrado que K. Marx e E. Reclus foram alunos de Ritter segundo G. Nicolas-Obadia (1974)⁸.

[Bazilio Quaresma Torreão (1787-1867)]

Compendio de Geographia Universal, resumido de diversos authores (1824)

[...] *Estudo da Geographia* [...] será impossível poder tomar parte nos acontecimentos da Historia dos Povos, sem o conhecimento desta tão bela sciencia (p. ii)

Prefacção (i/iii)

Introduccção (iii/v)

1a Parte: **Geographia Astronómica** (1/42)

2a Parte : **Geographia Fizica, e Politica** (43/53)

Europa (54/199)

Azia (200/250)

Africa (251/298)

America (299/509)

[Brasil] (389/505)

É impressionante que tenhamos um livro publicado em Londres, por um brasileiro, sobre a Geografia em 1823. O autor ofereceu o mesmo “à mocidade brasileira” e informou apenas que era “*Natural de Olinda*”⁹. Na Prefacção o autor apresenta “[...] este pequeno Tractado de Geographia, que collegi dos melhores autores modernos [...]” e quanto ao Brasil “para cuja descripção me servi da corographia do Reverendo Ayres, e de algumas informações de pessoas fidedignas” (p. i)”. Concluiu que “He de lamentar, porém, que em o nosso idioma não tínhamos hum só volume de Geographia, capaz de servir de guia aos principiantes [...]” (p. ii-iii). Quando tratou de Portugal, informou que o “[...] *Príncipes do Brazil, aonde presentemente reside o Rei, cuja Corte he na Cidade do Rio de Janeiro*” (p. 63). Quando escreveu sobre o Brasil, porém, informou que “aos 26 de Fevereiro de 1821, El Rei jurou a Constituição, e se retirou com a família Real outra vez para Portugal; deixando o Principe Real, como Regente Constitucional do Brazil [...]” (p. 393), ou seja, o livro foi escrito antes da independência do Brasil.

3. GEÓGRAFOS CLÁSSICOS

3.1 - **Elisée Reclus** (1830-1905)

A) *Nouvelle Géographie Universelle. La terre et les hommes* (19 tomos) 1876-1894

Tomo 1: A Europa meridional (1876) 1.007 p.; Tomo 2: A França (1877) 959 p.; Tomo 3: A Europa central (1878) 979 p.; Tomo 4: Europa do Noroeste (1879) 970 p.; Tomo 5: A Europa escandinava e russa (1880) 941 p.;

Tomo 6: A Ásia russa (1881) 918

p.; Tomo 7: **Ásia oriental** (1882) 884 p.; Tomo 8: **A Índia e a Indochina** (1883) 982 p.; Tomo 9: **Ásia anterior** (1884) 951 p.;

Tomo 10: **A África setentrional I** (1885) 632 p.; Tomo 11: **A África setentrional II** (1886) 915 p.; Tomo 12: **A África Ocidental** (1887) 747 p.; Tomo 13: **A África meridional** (1888) 878 p.;

Tomo 14: **Oceano e Terras oceânicas** (1889) 994 p.;

Tomo 15: **América boreal** (1890) 721 p.; Tomo 16: **Estados Unidos** (1892) 816 p.; Tomo 17: **Índias Ocidentais** (1891) 932 p.; Tomo 18: **América do Sul (Regiões andinas)** (1893) 847 p.; Tomo 19: **América do Sul (A Amazônia e o Prata)** (1894) 821 p.

Reclus foi aluno de Geografia de Ritter na Universidade de Berlim. Por suas ideias anarquistas viveu grande parte da sua vida no exílio¹⁰. Após 66 anos da edição do 1º tomo da obra de Malte-Brun e 47 anos após o último número, Reclus começou a gigantesca produção individual da *Nouvelle Géographie Universelle*, com a edição de um volumoso exemplar por ano ao longo de 19 anos. Ao contrário do geógrafo dinamarquês, Reclus, além de utilizar fontes secundárias, foi um grande viajante, tendo inclusive visitado o Brasil. O governo brasileiro traduziu para o português parte do último volume, que trata da América do Sul¹¹.

B) *L'homme et la Terre* (4 tomos) 1905

Vue de haut, dans ses rapports avec l'Homme, la Géographie n'est autre chose que l'Histoire dans l'espace, de même que l'Histoire est la Géographie dans le temps (Tomo 1, p. 11).

Tomo 1. Prefácio. **Os Ancestrais** (206 páginas)

Origens; Meios telúricos; trabalho; povos atrasados; famílias, classes, hordas;

Tomo 2. **História antiga** (489 páginas)

Irânia; Caucásia; Potâmia; Fenícia; Palestina; Egito, Líbia, Etiópia; Grécia; Ilhas e costas helênicas; Roma; Oriente chinês; Índia; Mundos longínquos;

Tomo 3. **História moderna** (727 páginas)

Cristãos; Bárbaros; A segunda Roma; Árabes e berberes; Carolíngios e normandos; Cavaleiros e cruzados; Comunas; Monarquias; Mongóis, turcos, tártaros e

chineses; Descoberta da Terra; Renascimento; Reforma e Companhia de Jesus; Colônias; O Rei Sol; O Século XVIII; A Revolução; Contra revolução; As nacionalidades; Negros e moujiks; Internacional;

Tomo 4: **História contemporânea**. Posfácio (448 páginas)

Povoamento da terra; Repartição dos homens; Latins e germânicos; Russos e asiáticos; A Inglaterra e seu cortejo; O Novo Mundo e a Oceania; O Estado Moderno; A cultura e a propriedade; A indústria e o Comércio; a Religião e a Ciência; Educação; Progresso.

Logo no Prefácio Reclus escreveu que “[...] depois de ter escrito as últimas linhas de um longo trabalho, a *Nouvelle Géographie universelle*, eu exprimi minha vontade de poder um dia estudar o Homem na sucessão de épocas como eu tinha observado nas diversas áreas do globo e estabelecer as conclusões sociológicas as quais eu tinha sido conduzido” (1, p. 5)¹². Essa última produção do autor, de fato é bem mais crítica que a obra anterior e trata das questões importantes como as classes sociais, as indústrias e as cidades. Quando comenta a Comuna de 1871, por exemplo, ele afirmou que “uma minoria somente compreendia que teria sido necessário proceder com método à destruição de todas as instituições do Estado [...]” (3, p. 704). Deve ser destacado que o livro é apresentado como Geografia Histórica, com os títulos dos tomos iniciados com a palavra “História”.

3.2 – Friedrich Ratzel (1844-1904)

A) *Antropogeografia / Geografia dell'Uomo* (1882)

[...] que a história não pode ser compreendida sem o território onde ela se desenvolve, e que a geografia de qualquer parte da Terra não pode ser representada sem conhecer a história que imprimiu sobre esta suas pegadas (1990, p. 90).

Introdução – **A unidade da vida e a biogeografia** (1/10)

1ª Parte – **Tarefa e método da geografia do homem** (13/107)

2ª Parte – **O movimento histórico** (111/206)

3ª Parte – **Posição e amplitude** (209/256)

4ª Parte – **Os limites do povo** (259/313)

10 - Sobre Reclus ver Andrade (1985) e Chardack (1997).

11- Ver também comentários sobre as cidades efetuadas por Reclus em Vasconcelos (op. cit., p. 61-64).

12- O comentador Pelletier (2010, p. 10-11) informou que a editora Hachette, teria exigido a Reclus “não comentar suas opiniões políticas” na *Nouvelle Géographie Universelle*.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2017
ISSN 2175 -3709

5ª Parte - **A superfície terrestre** (317/465)

6ª Parte - **O mundo orgânico** (469/527)

7ª Parte - **O clima** (531/578).

Ratzel era naturalista e geógrafo, com doutorado em Zoologia. Foi também um grande viajante¹³. Deve ser destacado que o subtítulo do seu principal livro era: *Princípios de aplicação da ciência geográfica à história*. O principal interesse de Ratzel nesse livro era o de construir “[...] uma ciência que estude a difusão do homem sobre a Terra” (1914, p. 9), que “[...] a geografia do homem tem em comum com as ciências naturais o método científico [...]” (1990, p. 101). Por outro lado ele também afirmou “consideramos a geografia e a história da humanidade como ciências irmãs, do mesmo modo que a geografia e a geologia” (1990, p. 85). Para tanto continuou: “[...] no estudo antropogeográfico nos encontramos diante de um fato cujas condições atuais não bastam para explicar, então é necessário voltar os olhos ao passado e buscar aí as causas que o presente não nos revela” (p. 100). Podemos destacar, portanto, as referências, a Geografia como ciência (e ao método científico), especificamente a biogeografia, assim como o interesse pelos movimentos dos povos.

B) Politische Geographie / La Géographie politique (1897)

[...] a geografia política [...] estuda a repartição política dos espaços em cada período da História e se vincula mais particularmente à época moderna (1987, p. 146).

Prefácio (53/56)

1ª Parte - **A ligação entre o solo e o Estado** (57/85)

2ª Parte - **O movimento histórico e o crescimento dos Estados** (87/115)

3ª Parte - **O crescimento espacial dos Estados** (117/125)

4ª Parte - **A situação** (127/138)

5ª Parte - **O espaço** (139/169)

6ª Parte - **O mundo da água** (171/187)

7ª Parte - **Montanhas e planícies** (189/199)

Cap. 25 - Relevo e história

Nesse segundo livro de Ratzel, o elemento central é o Estado, porém visto “como organismo ligado a uma fração determinada da superfície da terra [...]” (p. 61). Ratzel retoma a objeto da antropogeogra-

fia: “Descrever os movimentos da humanidade sobre a terra e formular as leis” (p. 89). Define a situação como “a característica de um lugar ou país em relação aos outros” (p.129), ou seja, para ele um país pode ser um lugar. Quando trata do espaço, ele lembra que “A extensão de um Estado [...] depende do espaço dado à cada época da História” (p. 142). Quanto à História ele afirma que assim como a vida a História é movimento (p. 89). O conceito de espaço é destacado.

3.3 - **Paul Vidal de La Blache** (1834-1918)

A) Tableau de la Géographie de la France (1903)

L’histoire d’un peuple est inséparable de la contrée qu’il habite (1994, p. 15).

Prefácio (15/16)

1ª Parte. **Personalidade Geográfica da França** (17/89)

2ª Parte. **Descrição regional** (91/534)

Livro 1 - A França do Norte (93/338)
I - Ardenas e Flandres; II - A bacia parisiense; III - A região do Reno;

Livro 2 - Entre os Alpes e o Oceano (339/440)

I - Os vales da Saone e do Ródono; II - O Maciço Central;

Livro 3 - O Oeste (441/482)

Livro 4 - O Midi (483/534)

I - O Midi mediterrâneo; II - O Midi dos Pirineus; III - O Midi Oceânico;

Conclusão (535/547).

La Blache, doutor em História. Foi professor catedrático de Geografia em Nancy (1872) e em Paris (1898)¹⁴. Esse livro é um exemplo clássico dos textos escritos por geógrafos para introduzir os estudos históricos. No caso o texto de La Blache corresponde ao volume primeiro da coleção *Histoire de la France depuis les origines jusqu’à la Révolution*, dirigida pelo historiador Ernest Lavisse, e publicada nos anos 1903 a 1922. Nesse sentido é um trabalho eminentemente geográfico e não histórico e a geografia regional começa a superar as geografias universais.

B) La France de l’Est (1917)

J’ai donc cherché à suivre dans le détail et à travers la mobilité des faits quotidiens, l’évolution de la contrée. J’ai recouru pour cela aux documents d’archives [...] (p. 4)

Prefácio (1/7)

1ª Parte. **A formação da França do Leste** (9/60)

2ª Parte. **A revolução e o estado social** (61/105)

3ª Parte. **Evolução industrial** (107/192)

4ª Parte. **Europa Ocidental e Europa Central** (193/242)

5ª Parte. **As possibilidades do mercado francês** (243/261)

Conclusão (263/265)

A abordagem da região do leste da França é eminentemente histórica, com ênfase nas transformações ocorridas após a revolução francesa, e, sobretudo, sobre as transformações causadas pela industrialização da região. O contexto da época, durante a Primeira Guerra Mundial também é importante, considerando que boa parte da referida região estava sob ocupação alemã. O autor, porém, trata de outros assuntos que extrapolam o tema do livro.

3.4 - **Paul Vidal de La Blache; Lucien Gallois [Dir.]** (1857 -1941)

Géographie Universelle (15 tomos) 1927-1939

Tomo 1: **[Europa]** Ilhas Britânicas (1927) 320 p.; Tomo 2: Bélgica, Países Baixos, Luxemburgo (1927) 250 p. [A. Demangeon]; Tomo 3: Estados escandinavos. Regiões polares boreais (1933) 328 p. [M. Zimmermann]; Tomo 4: Europa central (1931) 379 p. + 845 p. [E. de Martonne]; Tomo 5: Estados do Báltico. Rússia (1932) 355 p. [P. Camena d'Almeida]; Tomo 6: A França (1939) 463 p. [E. de Martonne] + 459 p. + 899 p. [A. Demangeon]; Tomo 7: Mediterrâneo. Penínsulas mediterrâneas (1934) 231 p. [M. Sorre] + 597 p. [J. Sion; Y. Chataigneau];

Tomo 8: **Ásia** Ocidental. Alta Ásia (1929) 394 p. [R. Blanchard; F. Grenard]; Tomo 9: Ásia das Moções (1929) 263 p. + 548 p. [J. Sion];

Tomo 10: **Oceania. Regiões polares austrais** (1930) 368 p. [P. Privat-Deschanel; M. Zimmermann];

Tomo 11: **África** setentrional e ocidental (1939) 284 p. + 529 p. [A. Bernard]; Tomo 12: África equatorial, oriental e austral (1938) 398 p. [F. Maurette];

Tomo 13: **América** setentrional (1936) 315 p. + 639 p. [H. Baulig]; Tomo 14: México. América Central (1928) 234

p. [M. Sorre]; Tomo 15: América do Sul (1927) 209 p. + 479 p. [P. Denis].

O trabalho individual de Malte-Brun e de Reclus em suas Geografias Universais passou a ser tratado agora por uma equipe de geógrafos (e de outras disciplinas), em um número menor de volumes que os de Reclus, e, sobretudo, volumes com dimensões menores. A publicação é posterior a morte de La Blache¹⁵.

3.5 - **Richard Hartshorne** (1899-1992)

Perspectives on the Nature of Geography / Propósitos e Natureza da Geografia (1959)

[...] *Todos os trabalhos geográficos deverão ser históricos, em maior ou menor grau.* (1978, p. 189).

Palavras preliminares (1/12)

Cap. 1 – **O que se entende por Geografia como o estudo da diferenciação de áreas** (13/22)

Cap. 2 – **O que se entende por “superfície da Terra”?** (23/27)

Cap. 3 – **É a integração de fenômenos heterogêneos uma peculiaridade da Geografia?** (28/38)

Cap. 4 – **Qual a medida da “significância” em Geografia?** (39/51)

Cap. 5 – **Devemos distinguir entre fatores humanos e fatores naturais?** (52/69)

Cap. 6 – **A divisão da Geografia em campos tópicos – O dualismo entre a Geografia Física e a Geografia Humana** (70/86)

Cap. 7 – **Tempo e gênese em Geografia** (87/114)

Cap. 8 – **Divide-se a Geografia em “sistemática” e “regional”?** (115/154)

Cap. 9 – **Procura a Geografia formular leis científicas ou descrever casos individuais?** (155/181)

Cap. 10 – **O lugar da Geografia numa classificação das ciências** (182/192)

Palavras finais (193/194).

O geógrafo norte americano, com doutorado na Universidade de Chicago em 1924, publicou *The Nature of Geography* em 1939. No livro de 1959 confirmou a Geografia como “a ciência da diferenciação de áreas” (p. 13), defendendo o exame do único e do particular, e dedicou um dos capítulos do seu livro às questões do tem-

15 - Ver comentários sobre as cidades nessas obras em Vasconcelos (op. cit., p. 122-147).

po e da gênese na Geografia. Ele considerou a Geografia Histórica como “*estudo do caráter mutável das áreas através do tempo*” (p. 111) e que “*A descrição explanatória de relações individuais pode exigir a análise de relações de processos que remontem consideravelmente ao passado*” (p. 114). Porém ele observou que “*os estudos que visam explicar a História em termos de Geografia*”, deveriam ser chamados de “*História Geográfica*”, e faziam parte da História (p. 108)¹⁶.

3.6 – Eric Dardel (1902-1985)

L'homme et la terre. Nature de la réalité géographique (1952)

Si la Géographie comme réalité terrestre est le “lieu” de l’histoire [...] les géographies comme conceptions du monde environnant portent témoignage des époques successives où elles étaient l’image admise de la Terre (1990, p. 63).

Cap. 1 – O espaço geográfico (1/62)
1 – Espaço geométrico, espaços geográficos (2/9)
2 – Espaço material (9/19)
3 – O espaço telúrico (19/26)
4 – Espaço aquático (26/31)
5 – Espaço aéreo (32/36)
6 – Espaço construído (36/41)
7 – A paisagem (41/45)
8 – Existência e realidade geográfica (46/62)
Cap. 2 – História da Geografia (63/124)
1 – A Geografia mítica (64/91)
2 – A Terra na interpretação profética (91/98)
3 – A Geografia heroica (98/108)
4 – A Geografia de vento pleno (109/115)
5 – A Geografia científica (115/124)
Conclusão (125/133)

Dardel foi um dos primeiros geógrafos a trazer a visão fenomenológica para a Geografia. Ele afirmou na página 35: “*Assim a geografia autoriza uma fenomenologia dos espaços [...]*” e continua: “*o espaço concreto da geografia nos liberta do espaço, do espaço infinito, inumano do geômetra ou do astrônomo*” (p. 35). A Geografia para ele era também “*Temporalização de nosso meio ambiente terrestre, espacialização da nossa finitude*” (p. 54). Ele afirmou ainda que “*A Terra é o desafio* (enjeu) da *História*” (p. 128). É importante destacar que Dardel tinha publicado em 1946 o livro

L’histoire, science du concret, seis anos antes do seu livro sobre a Geografia.

4. RELAÇÕES COM A HISTÓRIA: LUCIEN FEBVRE E FERNAND BRAUDEL

4.1 – Lucien Febvre (1878-1956)

La Terre et l’évolution humaine (1922)

En fait [...] tout historien composant comme c’était l’usage, une histoire nationale [...] met en tête de son livre un « tableau géographique » (p. 21).

Introdução – O problema das influências geográficas (11/42)

1ª Parte: Como colocar o problema. A questão de método (49/101)

Cap. 2 – A questão de princípio e o método da pesquisa. Evolução humana, evolução histórica.

2ª Parte: Quadros naturais e sociedades humanas (105/185)

3ª Parte: Possibilidades e gêneros de vida (189-317)

4ª Parte: Grupamentos políticos e grupamentos humanos (323/386)

Conclusões (387/398)

Este historiador foi aluno de La Blache¹⁷ e um dos fundadores da *École des Annales*, e nesse livro procurou defender a nossa disciplina, da tentativa dos sociólogos discípulos de Durkheim, da ambição de incorporar a Geografia Humana à Morfologia Social. Nessa defesa Febvre afirmou que “*A morfologia social não é nem pode ser equivalente à geografia humana*” (p. 95), e propôs a distinção entre “*deterministas à Ratzel*” e “*possibilistas à Vidal*” (p. 31), tendo atacado o livro *Geografia Política* de Ratzel como “*uma espécie de manual do Imperialismo alemão*” (p. 53). Afirmou também que “*Quem estuda a Geografia dos Estados considerados na sua evolução histórica, não deve se interessar apenas [...] pela sua política exterior*” (p. 100). Ele também destacou a definição de Vidal de La Blache de que a Geografia seria “*a ciência dos lugares e não dos homens*” (p. 75).

4.2 – Fernand Braudel (1902-1985)

Grammaire des Civilizations (1963)

A civilização se define em relação às diversas ciências humanas (1989, p. 31): são

espaços; são sociedades; são economias; são mentalidades coletivas (p. 31-42).

À guisa de prefácio (13/16)
Introdução (17/21)
I - Gramática das Civilizações (25/55)
II - As civilizações não-europeias (57/282)
1ª Parte. O Islã e o Mundo Muçulmano (61-123)
2ª Parte. O Continente Negro (127/156)
3ª Parte. O Extremo Oriente (159/282)
III - As civilizações europeias (283/506)
1ª Parte. A Europa (287/382)
2ª Parte. A América (385/463)
3ª Parte. A outra Europa (468/506)

Braudel o principal líder da *Ecole des Annales* e foi orientando de Febvre. O livro sobre as civilizações de Braudel demonstra a análise de diferentes espaços por um historiador. De fato, a relação do autor com a Geografia é múltipla: podemos destacar o fato de ele ter colocado o mar Mediterrâneo como tema principal da sua tese de 1949; a sua proposta da Geohistória é dos anos 1940: “O geógrafo trabalha então sobre o atual [...] sobre o mundo tal qual ele é [...] tentar transpor este trabalho no passado [...] este é o programa da Geohistória”¹⁸; e sua proposta, em 1958, da dialética da duração em tempos breves (eventos), conjunturas e longa duração, dominada pelas questões de estrutura, quando destaca a “surpreendente fixidez do marco geográfico das civilizações”¹⁹.

5. A GEOGRAFIA NEOPOSITIVISTA ABANDONA A HISTÓRIA²⁰

David Harvey (1935 -)

Explanation in Geography / Teorias, leyes y modelos en geografía (1969)

A narrativa histórica exerce, portanto, o mesmo papel nas relações temporais que o mapa nas relações espaciais (p. 422).

1ª Parte: Filosofia, metodologia e explicação (25/46)
2ª Parte: A base metodológica e a explicação em geografia (47/101)
3ª Parte: O papel das teorias, leis

e modelos na explicação em geografia (103/189)

4ª Parte: A linguagem dos modelos na explicação geográfica (191/294)

5ª Parte: Modelos descritivos em geografia (295/387)

6ª Parte: Modelos explicativos em geografia (389/481)

Cap. 21 – Tipos de explicação temporal em geografia.

O livro de David Harvey *Explanation in Geography*, de 1969, é um exemplo do afastamento da Geografia Histórica pelos autores da Geografia Neopositivista. Apenas um capítulo do livro, o 21, com 24 páginas, traz uma discussão sobre o tempo e as explicações temporais. Harvey comentava que “Quase todas nossas noções do tempo estão relacionadas com modelos a priori (são intuitivos e subjetivos), se os comparamos com os modelos a posteriori, que oferecem à física e a astronomia. O uso destes modelos a priori requer o cuidado e a “vigilância contínua” usuais (p. 419). O autor ainda criticava: “a narrativa está longe de ser ideal enquanto rigor, coerência e lógica e conseqüentemente é deficiente como forma de descrição. Seu papel explicativo resulta débil e incidental” (p. 423). A afirmação científica da Geografia Neopositivista foi realizada, portanto, em detrimento das questões históricas.

6. A ÊNFASE NA MUDANÇA SOCIAL NA GEOGRAFIA CRÍTICA

6.1 – **Massimo Quaini** (1941-)

Marxismo e Geografia (1974)

[...] método da economia política [...] Este método baseia-se na união entre ciência e história: a passagem do presente ao passado e portanto o método da abstração histórica articula-se ao chamado método regressivo (p. 19).

1: Crise da geografia (11/23)
2: Filosofia e geografia (25/35)
3: Materialismo histórico e geografia (37/64)
4: Das “sociedades naturais” à “sociedade histórica” (65/124)
5: Capitalismo e contradições ecológicos-territoriais (125/145)

O geógrafo italiano criticou a geografia pela sua “alma dualista”: o determi-

18 - Braudel, 1997, p. 86-87.

19 - Idem, 1986, p. 14.

20- Quando Capel comentou o Neopositivismo e a Geografia Quantitativa ele declarou que “Na busca da ordem espacial subjacente a história está praticamente ausente” (op. cit., p. 393).



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2017
ISSN 2175 -3709

21 - Peet considera o trabalho de Milton Santos como “[...] a kind of dialectical-existencial structuralism” (op. cit., p. 127).

22 - A palavra italiana coda corresponde à seção final de uma música.

nismo e o possibilismo e o naturalismo e historicismo. Ele propôs a utilização do materialismo histórico “enquanto teoria científica que supera a dissociação entre natureza e história” (p. 22-23). Quaini fez a distinção entre as sociedades pré-capitalistas na qual predominaria a propriedade fundiária e a sociedade capitalista cujo domínio seria do capital (p. 67). Nas primeiras prevaleceria a relação com a natureza (p. 69). Quanto às sociedades capitalistas o autor informou que Marx “não separa as contradições da natureza-território das contradições da sociedade-força de trabalho” (p. 131)

6.2 - Milton Santos (1926-2001)

Por uma Geografia Nova. Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica (1978)

[...] A noção do tempo nos estudos geográficos não é coisa nova, tanto a geografia histórica quanto a geografia retrospectiva [...] não foram além da apresentação de problemas sem lhes fornecer uma solução aceitável (p. 203).

Introdução (1/9)
1ª Parte: A crítica da Geografia (11/93)
2ª Parte: Geografia, Sociedade, Espaço (97/152)
3ª Parte: Por uma Geografia Crítica (156/212)
Cap. 18 – A noção do tempo nos estudos geográficos
Conclusão: A geografia e o futuro do homem (213/219)

Na sua proposta por uma Geografia Nova Milton Santos começou o livro com uma crítica que vai desde os fundadores da disciplina até a geografia empirista. Na segunda parte foi destacado o conceito de espaço. Na terceira parte, ele propôs uma Geografia Crítica, com destaque para as noções de totalidade e formação social. Nessa última parte ele tratou do tempo, lembrando da necessidade da periodização, e definiu o espaço como uma “acumulação desigual dos tempos” (p. 209), propôs a noção de “tempo espacial” (p. 210) e concluiu definindo o lugar como “o resultado de ações multilaterais que se realizam em tempos desiguais sobre cada um e em todos os pontos da superfície terrestre” (p. 211)²¹.

6.3 - David Harvey

Paris, Capital of Modernity (2003)

[...] the methodology of historical-geographical materialism, with I have for several years involving [...] provides, I believe, a powerful means to understand the dynamics of urban change in a particular place and time (p. 19).

Introdução: modernidade como um freio (1/20)
1ª Parte: Representações de Paris 1830-1848 (23/89)
2ª Parte: Materializações: Paris 1848-1870 (93/308)
3ª Parte: Coda²² (311/340)
Cap. 18 – A construção da Basílica do Sacré-Coeur

De fato, no seu livro publicado em 1973, *A Justiça Social e a Cidade*, Harvey informou sua mudança de paradigma, quando abandonou as “Formulações liberais” para aderir as “Formulações Socialistas”. No livro *A Condição Pós-Moderna*, de 1989, ele defendeu o materialismo histórico e criticou o pós-modernismo. Porém a metodologia do materialismo histórico-geográfico serviu, como ele procurou demonstrar, no estudo da cidade de Paris no século XIX.

7. PÓS-MODERNIDADE E O FIM DA HISTÓRIA E DO ESPAÇO

7.1 - Bertrand Badie (1950-)

La fin des territoires (1995)

Le territoire a une histoire, tout comme le principe de territorialité qui en derive [...] (p. 73)

Introdução (7-14)
1ª Parte: Uma invenção entre outras (15-70)
Cap. 1 – Antecedentes pesados
Cap. 2 – A lenta ascensão do princípio da territorialidade
Cap. 3 – A ordem territorial reina sobre o mundo
2ª Parte: Crises múltiplas (71-171)
Cap. 4 – Culturas do espaço e cultura do território
Cap. 5 – O paradoxo identitário
Cap. 6 – A decomposição dos territórios
3ª Parte: Além dos territórios (173-

252)

Cap. 7 – Algumas falsas ultrapassagens

Cap. 8 – Da recomposição

Conclusão Geral (253-258)

Após Fukuyama com seu livro sobre o fim da História de 1989, o cientista político Bertrand Badie propôs discutir o fim dos territórios. Destacamos sua afirmação de que “*A desordem territorial está então ligada, ao mesmo tempo, as pressões identitárias e aos efeitos da mundialização*” (p. 214), levando a conclusão de que “*O espaço geográfico constitui cada vez menos um fator de potência justificando o investimento de meios custosos destinados à ampliá-lo [...]*” (p. 156-157). O conceito de território é central e a nossa disciplina desta vez é atacada por um cientista político.

7.2 - **Edward W. Soja** (1940-2015)

Postmetropolis. Critical Studies of Cities and Regions (2000)

[...] *Part 1* [...] *contem a broadbrush tracing what I purposefully call the geohistory of cities and urbanism from 11,000 years ago to the present* (p. xv).

Prefácio (xii/xiii)

1ª Parte: **Remapeando a Geohistória do Espaço urbano** (1/144)

2ª Parte: **Seis Discursos da Posmetrópolis** (145/348)

3ª Parte: **Espaço vivo: Repensando 1992 em Los Angeles** (349/415)

Cap. 14 – Posfácio: Reflexões críticas sobre a Posmetrópolis

Este livro faz parte de uma trilogia começada pelas *Geografias Pós-Modernas* (1989), seguida por *Thirdspace* (1976). Soja defendeu um marxismo histórico e geográfico, e, ao contrário de Harvey, defendeu também uma Geografia Pós-Moderna. O autor foi muito influenciado por Lefebvre, e adotou inclusive a noção de Geohistória para seus estudos urbanos e regionais, com destaque para a “pós-metrópole” Los Angeles²³.

8. GLOBALIZAÇÃO E NOVAS IDENTIDADES: A REVANCHE DA GEOGRAFIA

8.1 – **Robert D. Kaplan** (1952 -)

The Revenge of Geography / La revanche de la géographie (2012)

Nul besoin d'être déterministe pour avoir conscience que la géographie est d'une importance vitale (p. 21).

Prefácio: **As fronteiras** (13/25)

1ª Parte: **Os visionários** (27/209)

Cap. 1 – Do idealismo ao realismo (29/59)

Cap. 2 – A revanche da geografia (61/83)

Cap. 3 – As lições da Antiguidade (85/114)

Cap. 4 – A Eurásia no centro de todas as lutas (115/140)

Cap. 5 – A geopolítica ao serviço dos nazistas (141/153)

Cap. 6 – O nascimento da potência americana (155/173)

Cap. 7 – O mar, nervo da guerra (175/188)

Cap. 8 – A crise da saturação (189/209)

2ª Parte: **O mapa do século XXI** (210/457)

Cap. 9 – Do Império carolíngio à União Europeia (213/239)

Cap. 10 – O complexo russo (241/286)

Cap. 11 – O sonho chinês (287/343)

Cap. 12 – A Índia entre dois mundos (345/380)

Cap. 13 – O despertar do Irã (381/416)

Cap. 14 – A questão do Oriente na hora da mundialização (417/457)

3ª Parte: **A América em face de seu destino** (459/497)

Cap. 15 – Braudel, o México e a visão estratégica (461/497)

Depois do “ataque” do cientista político Badie, a Geografia encontrou apoio em um autor fora da disciplina. Kaplan é professor da Academia Naval de Annapolis. Seu livro tem como subtítulo “*O que os mapas nos dizem dos conflitos futuros*”. Na primeira parte Kaplan cita Fukuyama e comenta que nos anos 1990 “*os geógrafos tinham perdido sua importância [...] as montanhas afegãs e [...] as estradas iraquianas acabaram com o desprezo de que ela era objeto*” (p. 51). Em seguida ele reviu as contribuições do geógrafo inglês Mackinder (com sua noção de *Hertland*); do alemão Haushofer; dos norte americanos Spykman (e sua noção de *Rimland*) e Mahan. A segunda parte do livro tra-

23 - Peet classifica Soja entre os geógrafos pós-modernos (op. cit., p. 222). Também sobre Soja ver Benach e Albet (2010).

ta das principais regiões mundiais. Além da incorporação de autores da Geografia Política, Kaplan também faz referência à Geohistória.

8.2 – Christian Grataloup (1951 -)

Géohistoire de la mondialisation (2007)

S'il existe depuis le XVIIe siècle une géographie dite générale, il n'y a guère de symétrie em histoire (p. 313).

Introdução (9/18)
Cap. 1 – As memórias do Mundo (19/43)
1ª Parte: Os Mundos antes do Mundo (47/147)
Cap. 2 – Antigo Mundo e novos mundos (47/81)
Cap. 3 – O sistema-Antigo Mundo (83/117)
Cap. 4 – Por que a Europa (119/146)
2ª Parte: A Construção do Mundo (151/223)
Cap. 5 – A captura da América muda a situação (151/174)
Cap. 6 – A Europa temperada produz o subdesenvolvimento nos trópicos (175/203)
Cap. 7 – Nível mundial e revolução industrial (205/222)
3ª Parte: Os limites do Mundo (227/311)
Cap. 8 – O “curto século XX”: a mundialização é reversível (229/249)
Cap. 9 – Um sistema espacial restrito pela sua lógica (251/272)
Cap. 10 – O mundial contra o universal (273/291)
Cap. 11 – Ler o Mundo pela geohistória (295/311)
Conclusão Geral (313/317)

Outra contribuição importante foi o livro *Geohistoire de la mondialisation* de Christian Grataloup (2007; 2015), geógrafo francês que discute a Geografia Histórica em conjunto com a globalização. Na primeira parte do livro o autor afirma que a data da origem do Mundo é 1492. A descoberta da América é comparada com as sete grandes expedições marítimas chinesas realizadas entre 1405 e 1433. Na segunda parte vai da “captura” da América até a Revolução Industrial. A terceira parte discute os temas atuais. O autor conclui diferenciando os territórios, “que parecem designar conjuntos sociais de

menor dimensão” e o espaço “seus ambientes mais globais” (p. 301).

8.3 – Alan R. J. Baker

Geography and History: bridging the divide (2003)

[...] *historical geography may be viewed as being concerned with the historical dimension in geography and geographical history with the geographical dimension in history* (p. 3).

1: Sobre as relações da geografia e a história (1/36)
2: Geografia e história locais (37/71)
3: Geografia e história ambientais (72/108)
4: Geografia e história paisagísticas (109/155)
5: Geografia e história regionais (156/205)
6: Reflexões (206/227)

Alan Baker, um dos mais eminentes geógrafos históricos, definiu como objetivo do seu livro o de explorar a interdependência entre a geografia e a história (p. xi). Podem ser destacados seus sete princípios para o entendimento da geografia histórica: (1) a geografia histórica, como a história, faz perguntas sobre o passado; (2) as fontes e teorias da geografia histórica, como as da história, são problemáticas; (3) o debate é central na prática da geografia histórica; (4) a geografia histórica é essencialmente interessada com as mudanças geográficas através do tempo; (5) a geografia histórica é central na geografia como um todo; (6) a geografia histórica é fundamentalmente interessada com a síntese de lugares; (7) a geografia histórica enfatiza as especificidades históricas de lugares particulares (2003, p. 209-223).

9. CONCLUSÕES: RELAÇÕES DA GEOGRAFIA HISTÓRICA COM A HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E COM AS DEMAIS CIÊNCIAS HUMANAS

Essa longa revisão de autores da nossa disciplina mostra que as questões temporais têm importância relativa ao longo da história. Podemos destacar a importância da Geografia Física nos textos dos pais fundadores. Um destaque deve ser dado à erudição dos precursores da Geografia. Reclus e até Ratzel tinham um mesmo nível cultural de historiadores como Fe-

bvre e Braudel.

Uma continuidade que pode ser observada nos textos examinados são as Geografias Universais, espécie de enciclopédias geográficas publicadas individualmente e coletivamente em diferentes períodos. Fica confirmada a perda de importância das questões históricas na Geografia Neopositivista. Por outro lado, na Geografia Crítica temos trabalhos que tentam vincular a Geografia ao Materialismo Histórico, em um afastamento da Geografia Histórica tradicional. As questões da pós-modernidade e da globalização não impediram a continuidade da subdisciplina.

Para terminar podemos nos perguntar se Reclus, com sua obra *O homem e a Terra*, de 1905, não seria um dos “pais da Geografia Histórica”.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correa (org.) Elisée Reclus. São Paulo: Ática, 1985.
- BADIE, Bertrand. La fin des territoires. Paris: CNRS Eds., 2013 [1995].
- BAKER, Alan R. Geography and History: bridging the divide. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BECK, Hanno. Carl Ritter genio de la geografia. Sobre su vida y obra. Bonn-Bad Godesberg: Internaciones, 1979.
- BENACH, Núria; ALBET, Abel. Edward W. Soja. La perspectiva postmoderna de un geógrafo radical. Barcelona: Icaria, 2010.
- BRAUDEL, Fernand. Gramática das Civilizações. São Paulo: Martins Fontes, 1989 [1963].
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. Lisboa: Ed. Presença, 1986.
- BRAUDEL, Fernand. Les ambitions de l’Histoire. Paris: Eds. de Fallois, 1997.
- CAPEL, Horacio. Filosofia y Ciencia em la Geografía Contemporánea. Barcelona: Barcanova, 1988 [1981].
- CHARDAK, Henriette. Élisée Reclus, une vie. L’homme qui aimait la Terre. Paris: Stock, 1997.
- CLAVAL, Paul. Essai sur l’évolution de la géographie humaine. Cahiers de Géographie de Besançon, 12, 1969, p. 9-162.
- COSTA, R. H. ; PEREIRA, S. N. ; RIBEIRO, G. (org.) Vidal, Vidais: textos de geografia humana, regional e política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- FEBVRE, Lucien. La Terre et l’évolution humaine. Paris: Albin Michel, 1970 [1922].
- GRATALOUP, Christian. Géohistoire de la mondialisation. Paris: A. Colin, 2015 [2007].
- HARTSHORNE, Richard. Propósitos e Natureza da Geografia. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978 [1959].
- HARVEY, David. Teorias, leyes y modelos en geografia. Madrid: Alianza Ed., 1983 [1969].
- HARVEY, David. Paris, Capital of Modernity. New York: Routledge, 2003.
- HUMBOLDT, Alexander Von. Examen critique de l’Histoire de la Géographie du

- Nouveau continent et des progrès de l'Astronomie nautique aux XV^e et XVI^e siècles. Paris: T. Morgand, Ed., 1835 (5 v.).
- HUMBOLDT, Alexander Von. Cosmos. Essai d'une description physique du monde. Paris: L. Guérin, 1866 [1845/1857] (4 v.).
- KANT, I. Géographie. Physische Geographie. Paris: Aubier, 1999 [1802].
- KAPLAN, Robert D. La revanche de la géographie. Paris: Eds. du Toucon, 2014 [2012].
- LIVINGSTONE, David N. The Geographical Tradition. Oxford: Blackwell, 1994 [1992].
- MALTE-BRUN, Conrad. Précis de la Géographie Universelle. Paris: Fr. Buisson, 1810/1829 (8 v.).
- MORAES, Antonio C. Robert (org.) Ratzel. São Paulo: Ática, 1990 [1882, 1885, 1899, 1896].
- PEET, Richard. Modern Geographical Thought. Malden: Blackwell, 2006 [1998].
- PELLETIER, Philippe. A Cidade e a Geografia Urbana em Elisée Reclus e sua época. In COELHO, P. A. (org.) Elisée Reclus. Renovação de uma cidade; Repartição dos homens. São Paulo: Expressão e Arte; Imaginário, 2010, p. 9-28.
- QUAINI, Massimo. Marxismo e geografia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 [1974].
- RATZEL, Friedrich. Geografia dell'Uomo. Torino: Fratelli Bocca Editori, 1914 [1882, 1899, 1909].
- RATZEL, Friedrich. La Géographie politique. Les concepts fondamentaux. Paris: Fayard, 1987 [1897].
- RECLUS, Elisée. Nouvelle Geographie Universelle. La terre et les hommes. Paris: Hachette, 1876-1894 (19 v.).
- RECLUS, Elisée. L'homme et la Terre. Marston Gate: Amazon.co.uk Ltd., s/d [1905] (4 v.).
- RITTER, Carl. Introduction a la géographie générale comparée. Cahiers de Géographie de Besançon, 22, jan. 1974, p. 5-255 [Introdução de Georges Nicolas-Obadia].
- SANTOS, Milton. Por uma geografia nova. São Paulo: Editora Hucitec, 1980 [1978].
- TORREÃO, Bazilio Quaresma. Compendio de Geographia Universal, resumido de diversos authores. Londres: L. Thompson, 1824.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Dois séculos de Pensamento sobre a Cidade. 2. ed. Salvador: Edufba; Ilhéus: Editus, 2012.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Tableau de la Géographie de la France. Paris: La Table Ronde, 1994 [1903].
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La France de l'Est (Lorraine-Alsace). Paris: A. Colin, 1917.
- VIDAL DE LA BLACHE, P.; GALLOIS, L. [Dir.] Géographie Universelle. Paris: A. Colin, 1927-1939 (23 v.).
- VITTE, Antonio Carlos (org.) Kant, o Kantismo e a Geografia. Curitiba: Apris, 2014.
- WULF, Andrea. A Invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. São Paulo: Planeta, 2016.